Biblioteca Virtualbooks

NÃO CONSULTES MÉDICO

MACHADO DE ASSIS

NÃO CONSULTES MÉDICO

PERSONAGENS

D. LEOCÁDIA
D. ADELAIDE
D. CARLOTA
CAVALCANTE

MAGALHÃES
Um gabinete em casa de Magalhães, na Tijuca.

CENA PRIMEIRA
MAGALHÃES, D. ADELAIDE

(MAGALHÃES *lê um livro*. D. ADELAIDE *folheia um livro de gravuras*)
MAG. Esta gente não terá vindo?
D. ADE. Parece que não. Já saíram há um bom pedaço; feliz-mente o dia está fresco. Titia estava tão contente ao almoço! E ontem? Você viu que risadas que ela dava, ao jantar, ouvindo o Dr. Cavalcante? E o Cavalcante sério. Meu Deus, que homem triste! que cara de defunto!
MAG. Coitado do Cavalcante! Mas que quererá ela comigo? Falou-me em um obséquio.
D. ADE. Sei o que é.
MAG. Que é?
D. ADE. Por ora é segredo. Titia quer que levemos Carlota conosco.
MAG Para a Grécia?
D. ADE. Sim, para a Grécia?

MAG. Talvez ela pense que a Grécia é em Paris. Eu aceitei a legação de Atenas porque não me dava bem em Guatemala, e não há outra vaga na América. Nem é só por isso; você tem vontade de ir acabar a lua-de-mel na Europa... Mas então Cartola vai ficar conosco?
D. ADE. É só algum tempo. Carlota gostava muito de um tal Rodrigues, capitão de engenharia, que casou com uma viúva espanhola. Sofreu muito, e ainda agora anda meia triste; titia diz que há de curá-la.
MAG. (*rindo*). É a mania dela.
D. ADE. (*rindo*). Só cura moléstias morais.
MAG. A verdade é que nos curou; mas, por muito que lhe pague-mos em gratidão, fala-nos sempre da nossa antiga moléstia. "Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?"
D. ADE. Pois falemo-lhes nós da cura, para lhe dar gosto. Agora quer curar a filha.
MAG. Do mesmo modo?
D. ADE. Por ora não. Quer mandá-la à Grécia para que ela esqueça o capitão de engenharia.
MAG. Mas, em qualquer parte se esquece um capitão de engenharia.
D. ADE. Titia pensa que a vista das ruínas e dos costumes diferentes cura mais depressa. Carlota está com dezoito para dezenove anos, titia não a quer casar antes dos vinte. Desconfio que já traz um noivo em mente, um moço que não é feio, mas tem o olhar espantado.
MAG. É um desarranjo para nós; mas, enfim, pode ser que lhe achemos lá na Grécia algum descendente de Alcibíades que a preserve do olhar espantado.
D. ADE. Ouço passos. Há de ser titia.. .
MAG. Justamente! Continuemos a estudar a Grécia. (*Sentam-se outra vez*, MAGALHÃES *lendo*, D. ADELAIDE *folheando o livro de vistas*) .

CENA II
OS MESMOS e D. LEOCÁDIA

D. LEO. (*pára à porta, desce pé ante pé, e mete a cabeça entre os dous*). Como vão os meus doentezinhos? Não é verdade que estão curados?
MAG. (*à parte*). É isto todos os dias.
D. LEO. Agora estudam a Grécia; fazem muito bem. O país do casamento é que vocês não precisaram estudar.
D. ADE. A senhora foi a nossa geografia, foi quem nos deu as primeiras lições.
D. LEO. Não diga lições, diga remédios. Eu sou doutora, eu sou médica.

Este (*indicando* MAGALHÃES), quando voltou de Guatemala, tinha um ar esquisito; perguntei-lhe se queria ser deputado, disse-me que não; observei-lhe o nariz, e vi que era um triste nariz solitário. . .
MAG. Já me disse isto cem vezes.
D. LEO. (*voltando-se para ele e continuando*). Esta (*designando* ADELAIDE) andava hipocondríaca. O médico da casa receitava pílulas, cápsulas, uma porção de tolices que ela não tomava, porque eu não deixava; o médico devia ser eu.
D. ADE. Foi uma felicidade. Que é que se ganha em engolir pílulas?
D. LEO. Apanham-se moléstias.
D. ADE. Uma tarde, fitando eu os olhos de Magalhães. . .
D. LEO. Perdão, o nariz.
D. ADE. Vá lá. A senhora disse-me que ele tinha o nariz bonito, mas muito solitário. Não entendi; dous dias depois, perguntou-me se queria casar, eu não sei que disse, e acabei casando.
D. LEO. Não é verdade que estão curados?
MAG. Perfeitamente.
D. LEO. A propósito, como irá o Dr. Cavalcante? Que esquisitão! Disse-me ontem que a cousa mais alegre do mundo era um cemitério.
Perguntei-lhe se gostava aqui da Tijuca, respondeu-me que sim, e que o Rio de Janeiro era uma grande cidade. "É a segunda vez que a vejo, disse ele, eu sou do Norte. É uma grande cidade, José Bonifácio é um grande homem, a Rua do Ouvidor um poema, o chafariz da Carioca um belo chafariz, o Corcovado, o gigante de pedra, Gonçalves Dias, os Timbiras, o Maranhão...
" Embrulhava tudo a tal ponto que me fez rir. Ele é doudo?
MAG. Não.
D. LEO. A princípio, cuidei que era. Mas o melhor foi quando se serviu o peru. Perguntei-lhe que tal achava o peru. Ficou pálido, deixou cair o garfo, fechou os olhos e não me respondeu. Eu ia chamar a atenção de vocês, quando ele abriu os olhos e disse com voz surda: "D. Leocádia, eu não conheço o Peru..." Eu, espantada, perguntei: "Pois não está comendo?..."
"Não falo desta pobre ave falo-lhe da república".
MAG. Pois conhece a república.
D. LEO. Então mentiu
MAG. Não, porque nunca lá foi.
D. LEO. (*a* D. ADELAIDE). Mau! seu marido parece que também está virando o juízo. (*A* MAGALHÃES) Conhece então o Peru, como vocês estão conhecendo a Grécia... pelos livros.
MAG. Também não.
D. LEO. Pelos homens?
MAG. Não, senhora.
D. LEO. Então pelas mulheres?
MAG. Nem pelas mulheres.
D. LEO. Por uma mulher?

MAG. Por uma mocinha, filha do ministro do Peru em Guatemala. Já contei a história a Adelaide. (D. ADELAIDE *senta-se folheando o livro de gravuras*).
D. LEO. (*senta-se*). Ouçamos a história. É curta?
MAG. Quatro palavras. Cavalcante estava em comissão do nosso governo, e freqüentava o corpo diplomático, onde era muito bem visto. Realmente, não se podia achar criatura mais dada, mais expansiva, mais estimável. Um dia começou a gostar da peruana. A peruana era bela e alta, com uns olhos admiráveis. Cavalcante dentro de pouco, estava doudo por ela, não pensava em mais nada, não falava de outra pessoa. Quando a via ficava extático. Se ela gostava dele, não sei; é certo que o animava, e já se falava em casamento. Puro engano! Dolores voltou para o Peru, onde casou com um primo, segundo me escreveu o pai.
D. LEO. EIe ficou desconsolado, naturalmente.
MAG. Ah! não me fale! Quis matar-se; pude impedir esse ato de desespero, e o desespero desfez-se em lágrimas. Caiu doente, uma febre que quase o levou. Pediu dispensa da comissão, e, como eu tinha obtido seis meses de licença, voltamos juntos. Não imagina o abatimento em que ficou, a tristeza profunda; chegou a ter as idéias baralhadas. Ainda agora, diz alguns disparates, mas emenda-se logo e ri de si mesmo.
D. LEO. Quer que lhe diga? Já ontem suspeitei que era negócio de amores; achei-lhe um riso amargo... Terá bom coração?
MAG. Coração de ouro.
D. LEO. Espirito elevado?
MAG. Sim, senhora.
D. LEO. Espírito elevado, coração de ouro, saudades... Está entendido.
MAG. Entendido o quê?
D. LEO. Vou curar o seu amigo Cavalcante. De que é que vocês se espantam?
D. ADE. De nada.
MAG. De nada, mas...
D. LEO. Mas quê?
MAG. Parece-me...
D. LEO. Não parece nada; vocês são uns ingratos. Pois se confessam que eu curei o nariz de um e a hipocondria do outro, como é que põem em dúvida que eu possa curar a maluquice do Cavalcante? Vou curá-lo. Ele virá hoje?
D. ADE. Não vem todos os dias; às vezes passa-se uma semana.
MAG. Mora perto daqui; vou escrever-lhe que venha, e, quando chegar, dir-lhe-ei que a senhora é o maior médico do século, cura o moral... Mas, minha tia, devo avisá-la de uma cousa; não lhe fale em casamento.
D. LEO. Oh! não!
MAG. Fica furioso quando lhe falam em casamento; responde que só se há de casar com a morte... A senhora exponha-lhe...
D. LEO. Ora, meu sobrinho, vá ensinar o *padre-nosso* ao vigário. Eu sei o que ele precisa, mas quero estudar primeiro o doente e a doença. Já volto.

MAG. Não lhe diga que eu é que lhe contei o caso da peruana. . .
D. LEO. Pois se eu mesma adivinhei que ele sofria do coração. (*Sai; entra* CARLOTA).

CENA III
MAGALHÃES, D. ADELAIDE, D. CARLOTA

D. ADE. Bravo! está mais corada agora!
D. CAR. Foi do passeio.
D. ADE. De que é que você gosta mais, da Tijuca ou da cidade?
D. CAR. Eu por mim, ficava metida aqui na Tijuca.
MAG. Não creio. Sem bailes? sem teatro lírico?
D. CAR. Os bailes cansam, e não temos agora teatro lírico.
MAG. Mas, em suma, aqui ou na cidade, o que é preciso é que você ria, esse ar tristonho faz-lhe a cara feia.
D. CAR. Mas eu rio. Ainda agora não pude deixar de rir vendo o Dr. Cavalcante.
MAG. Por quê?
D. CAR. Ele passava ao longe, a cavalo, tão distraído que levava a cabeça caída entre as orelhas do animal, ri da posição, mas lembrei-me que podia cair e ferir-se, e estremeci toda.
MAG. Mas não caiu?
D. CAR. Não.
D. ADE. Titia viu também?
D. CAR. Mamãe ia-me falando da Grécia, do céu da Grécia, dos monumentos da Grécia, do rei da Grécia; toda ela é Grécia, fala como se tivesse estado na Grécia
D. ADE. Você quer ir conosco para lá?
D. CAR. Mamãe não há de querer.
D. ADE. Talvez queira. (*Mostrando-lhes as gravaras do livro*) Olhe que bonitas vistas! Isto são ruínas. Aqui está uma cena de costumes. Olhe esta rapariga com um pote...
MAG. (*à janela*). Cavalcante aí vem.
D. CAR. Não quero vê-lo.
D. ADE. Por quê?
D. CAR. Agora que passou o medo, posso rir-me lembrando a figura que ele fazia.
D. ADE. Eu também vou. (*Saem as duas;* CAVALCANTE *aparece à porta,* MAGALHÃES *deixa a janela*).

CENA IV
CAVALCANTE e MAGALHÃES

MAG. Entra. Como passaste a noite?
CAV. Bem. Dei um belo passeio; fui até ao Vaticano e vi o papa. (MAGALHÃES *olha espantado*) Não te assustes, não estou doudo. Eis o que foi: o meu cavalo ia para um lado e o meu espírito para outro. Eu pensava em fazer-me frade; então todas as minhas idéias vestiram-se de burel, e entrei a ver sobrepelizes e tochas; enfim, cheguei a Roma, apresentei-me à porta do Vaticano e pedi para ver o papa. No momento em que Sua Santidade apareceu, prosternei-me, depois estremeci, despertei e vi que o meu corpo seguira atrás do sonho, e que eu ia quase caindo.
MAG. Foi então que a nossa prima Carlota deu contigo ao longe.
CAV. Também eu a vi, e, de vexado, piquei o cavalo.
MAG. Mas, então ainda não perdeste essa idéia de ser frade?
CAV. Não.
MAG. Que paixão romanesca!
CAV. Não, Magalhães; reconheço agora o que vale o mundo com as suas perfídias e tempestades. Quero achar um abrigo contra elas; esse abrigo é o claustro. Não sairei nunca da minha cela, e buscarei esquecer diante do altar...
MAG. Olha que vais cair do cavalo!
CAV. Não te rias, meu amigo!
MAG. Não; quero só acordar-te. Realmente, estás ficando maluco. Não penses mais em semelhante moça. Há no mundo milhares e milhares de moças iguais à bela Dolores.
CAV. Milhares e milhares? Mais uma razão para que eu me esconda em um convento. Mas é engano; há só uma, e basta.
MAG. Bem; não há remédio senão entregar-te à minha tia.
CAV. À tua tia?
MAG. Minha tia crê que tu deves padecer de alguma doença moral, — e adivinhou,— e fala de curar-te. Não sei se sabes que ela vive na persuasão de que cura todas as enfermidades morais.
CAV. Oh! eu sou incurável!
MAG. Por isso mesmo deves sujeitar-te aos seus remédios. Se te não curar, dar-te-á alguma distração, e é o que eu quero. (*Abre a charuteira, que está vazia*) Olha, espera aqui, lê algum livro; eu vou buscar charutos. (*Sai;* CAVALCANTE *pega num livro e senta-se*).

CENA V
CAVALCANTE, D. CARLOTA, *aparecendo ao fundo*

D. CAR. Primo... (*Vendo Cavalcante*) Ah! perdão!
CAV. (erguendo-se). Perdão de quê?
D. CAR. Cuidei que meu primo estava aqui; vim buscar um livro de gravuras de prima Adelaide; está aqui...
CAV. A senhora viu-me passar a cavalo, há uma hora, numa posição incômoda e inexplicável.
D. CAR. Perdão, mas...
CAV. Quero dizer-lhe que eu levava na cabeça uma idéia séria, um negócio grave.
D. CAR. Creio.
CAV. Deus queira que nunca possa entender o que era! Basta crer. Foi a distração que me deu aquela postura inexplicável. Na minha família quase todos são distraídos. Um dos meus tios morreu na guerra do Paraguai, por causa de uma distração; era capitão de engenharia . . .
D. CAR. (*perturbada*). Oh! não me fale!
CAV. Por quê? Não pode tê-lo conhecido.
D. CAR. Não, senhor; desculpe-me, sou um pouco tonta. Vou levar o livro à minha prima.
CAV. Peço-lhe perdão, mas...
D. CAR. Passe bem. (*Vai até à porta*).
CAV. Mas, eu desejava saber. ..
D. CAR. Não, não, perdoe-me. (*Sai*).

CENA VI

CAV. (*só*). Não compreendo; não sei se a ofendi. Falei no tio João Pedro, que morreu no Paraguai, antes dela nascer...

CENA VII
CAVALCANTE, D. LEOCÁDIA

D. LEO. (*ao fundo, à parte*). Está pensando. (*Desce*) Bom dia, Dr. Cavalcante!
CAV. Como passou, minha senhora?

D. LEO. Bem, obrigada. Então meu sobrinho deixou-o aqui só?
CAV. Foi buscar charutos, já volta.
D. LEO. Os senhores são muito amigos.
CAV. Somos como dous irmãos.
D. LEO. Magalhães é um coração de ouro, e o senhor parece-me outro. Acho-lhe só um defeito, doutor... Desculpe-me esta franqueza de velha; acho que o senhor fala trocado.
CAV. Disse-lhe ontem algumas tolices, não?
D. LEO. Tolices, é muito; umas palavras sem sentido.
CAV. Sem sentido, insensatas, vem a dar na mesma.
D. LEO. (*pegando-lhe nas mãos*). Olhe bem para mim. (*Pausa*) Suspire. (CAVALCANTE *suspira*) O senhor está doente; não negue que está doente, — moralmente, entenda-se; não negue! (*Solta-lhe as mãos*) .
CAV. Negar seria mentir. Sim, minha senhora, confesso que tive um grandíssimo desgosto
D. LEO. Jogo de praça?
CAV. Não, senhora.
D. LEO Ambições políticas malogradas?
CAV. Não conheço política.
D. LEO. Algum livro mal recebido pela imprensa?
CAV. Só escrevo cartas particulares.
D. LEO Não atino. Diga francamente; eu sou médico de enfermidades morais, e posso curá-lo. Ao médico diz-se tudo. Ande, fale, conte-me tudo, tudo, tudo. Não se trata de amores?
CAV. (*suspirando*). Trata-se justamente de amores.
D. LEO. Paixão grande?
CAV. Oh! imensa!
D. LEO. Não quero saber o nome da pessoa, não é preciso. Naturalmente, bonita?
CAV. Como um anjo!
D. LEO. O coração também era de anjo?
CAV. Pode ser, mas de anjo mau.
D. LEO. Uma ingrata...
CAV. Uma perversa!
D. LEO. Diabólica...
CAV. Sem entranhas!
D. LEO. Vê que estou adivinhando. Console-se; uma criatura dessas não acha casamento.
CAV. Já achou!
D. LEO. Já?
CAV. Casou, minha senhora; teve a crueldade de casar com um primo.
D. LEO. Os primos quase que não nascem para outra cousa. Diga-me, não procurou esquecer o mal nas folias próprias de rapazes?
CAV. Oh! não! Meu único prazer é pensar nela.

D. LEO. Desgraçado! Assim nunca há de sarar.
CAV. Vou tratar de esquecê-la.
D. LEO. De que modo?
CAV. De um modo velho, alguns dizem que já obsoleto e arcaico. Penso em fazer-me frade. Há de haver em algum recanto do mundo um claustro em que não penetre sol nem lua.

D. LEO. Que ilusão! Lá mesmo achará a sua namorada. Há de vê-la nas paredes da cela, no tecto, no chão, nas folhas do
breviário. O silêncio far-se-á boca da moça, a solidão será o seu corpo.
CAV. Então estou perdido. Onde acharei paz e esquecimento?
D. LEO. Pode ser frade sem ficar no convento. No seu caso o remédio naturalmente indicado é ir pregar... na China, por
exemplo. Vá pregar aos infiéis na China. Paredes de convento são mais perigosas que olhos de chinesas. Ande, vá pregar na
China. No fim de dez anos está curado. Volte, meta-se no convento e não achará lá o diabo.
CAV. Está certa que na China...
D. LEO. Certíssima.
CAV. O seu remédio é muito amargo! Por que é que me não manda antes para o Egito? Também é país de infiéis.
D. LEO. Não serve; é a terra daquela rainha... Como se chama?
CAV. Cleópatra? Morreu há tantos séculos!
D. LEO. Meu marido disse que era uma desmiolada.
CAV. Seu marido era, talvez, um erudito. Minha senhora, não se aprende amor nos livros velhos, mas nos olhos bonitos; por
isso estou certo de que ele adorava a V. Ex.a.
D. LEO. Ah! ah! Já o doente começa a adular o médico. Não, senhor, há de ir à China. Lá há mais livros velhos que olhos
bonitos. Ou não tem confiança em mim?
CAV. Oh! tenho, tenho. Mas ao doente é permitido fazer uma careta antes de engolir a pílula. Obedeço; vou para a China.
Dez anos, não?
D. LEO. (levanta-se). Dez ou quinze, se quiser; mas antes dos quinze está curado.
CAV. Vou.
D. LEO. Muito bem. A sua doença é tal que só com remédios fortes. Vá; dez anos passam depressa.
CAV. Obrigado, minha senhora.
D. LEO. Até logo.
CAV. Não, minha senhora, vou já.
D. LEO. Já para a China!
CAV. Vou arranjar as malas, e amanhã embarco para a Euròpa; vou a

Roma, depois sigo imediatamente para a China. Até
daqui a dez anos. (Estende-lhe a mão).
D. LEO. Fique ainda uns dias...
CAV. Não posso.
D. LEO. Gosto de ver essa pressa; mas, enfim, pode esperar ainda uma semana.
CAV. Não, não devo esperar. Quero ir às pílulas, quanto antes; é preciso obedecer religiosamente ao médico.
D. LEO. Como eu gosto de ver um doente assim! O senhor tem fé no médico. O pior é que daqui a pouco, talvez, não se
lembre dele.
CAV. Oh! não! Hei de lembrar-me sempre, sempre!
D. LEO. No fim de dous anos escreva-me; informe-me sobre o seu estado, e talvez eu o faça voltar. Mas, não minta, olhe lá;
se já tiver esquecido a namorada, consentirei que volte.
CAV. Obrigado. Vou ter com seu sobrinho, e depois vou arranjar as malas.
D. LEO. Então não volta mais a esta casa?
CAV. Virei daqui a pouco, uma visita de dez minutos, e depois desço, vou tomar passagem no paquete de amanhã.
D. LEO. Jante, ao menos, conosco.
CAV. Janto na cidade.
D. LEO. Bem, adeus; guardemos o nosso segredo. Adeus, Dr. Cavalcante. Creia-me: o senhor merece estar doente. Há
pessoas que adoecem sem merecimento nenhum; ao contrário, não merecem outra cousa mais que uma saúde de ferro. O
senhor nasceu para adoecer; que obediência ao médico! que facilidade em engolir todas as nossas pílulas! Adeus!
CAV. Adeus, D. Leocádia. (Sai pelo fundo).

CENA VIII
D. LEOCÁDIA, D. ADELAIDE

D. LEO. Com dous anos de China está curado. (Vendo entrar ADELAIDE) O Dr. Cavalcante saiu agora mesmo. Ouviste o
meu exame médico?
D. ADE. Não. Que lhe pareceu?
D. LEO. Cura-se.
D. ADE. De que modo?
D. LEO. Não posso dizer;. é segredo profissional.
D. ADE. Em quantas semanas fica bom?

D LEO. Em dez anos!
D ADE. Misericórdia! Dez anos!
D. LEO. Talvez dous; é moço, é robusto, a natureza ajudará a medicina, conquanto esteja muito atacado. Aí vem teu marido.

CENA IX
OS MESMOS, MAGALHÃES

MAG. (a D. LEOCÁDIA). Cavalcante disse-me que vai embora; eu vim correndo saber o que é que lhe receitou.
D. LEO. Receitei-lhe um remédio enérgico, mas que há de salvá-lo. Não são consolações de cacaracá. Coitado! Sofre muito,
está gravemente doente; mas, descansem, meus filhos, juro-lhes, à fé do meu grau, que hei de curá-lo. Tudo é que me
obedeça, e este obedece. Oh! aquele crê em mim. E vocês, meus filhos? Como vão os meu doentezinhos? Não é verdade que
estão curados? (Sai pelo fundo).

CENA X
MAGALHÃES, D. ADELAIDE

MAG. Tinha vontade de saber o que é que ela lhe receitou.
D. ADE. Não falemos disso.
MAG. Sabes o que foi?
D. ADE. Não; mas titia disse-me que a cura se fará em dez anos.
(Espanto de Magalhães) Sim, dez anos, talvez dous, mas a cura certa é em dez anos.
MAG. (atordoado). Dez anos!
D. ADE. Ou dous.
MAG. Ou dous?
D. ADE. Ou dez.
MAG. Dez anos! Mas é impossivel! Quis brincar contigo. Ninguém leva dez anos a sarar; ou sara antes ou morre.
D. ADE. Talvez ela pense que a melhor cura é a morte.
MAG. Talvez. Dez anos!
D. ADE. Ou dous; não esqueças.
MAG. Sim, ou dous; dous anos é muito, mas, há casos... Vo ter com ele.

D. ADE. Se titia quis enganar a gente, não é bom que os estranhos saibam. Vamos falar com ela, talvez que, pedindo muito,
ela diga a verdade. Não leves essa cara assustada; é preciso falar-lhe naturalmente, com indiferença.
MAG. Pois vamos.
D. ADE. Pensando bem, é melhor que eu vá só; entre mulheres...
MAG. Não; ela continuará a zombar de ti; vamos juntos; estou sobre brasas.
D. ADE. Vamos.
MAG. Dez anos!
D. ADE. Ou dous. (Saem pelo fundo).

CENA XI

D. CAR. (entrando pela direita). Ninguém! Afinal foram-se! Esta casa anda hoje cheia de mistérios. Há um quarto de hora
quis vir aqui, e prima Adelaide disse-me que não, que se tratavam aqui negócios graves. Pouco depois levantou-se e saiu;
mas antes disso contou-me que mamãe é que quer que eu vá para a Grécia. A verdade é que todos me falam de Atenas, de
ruínas, dc danças gregas, da Acrópole... Creio que é Acrópole que se diz. (Pega no livro que MAGALHÃES estivera
lendo, senta-se, abre e lê) "Entre os provérbios gregos, há um muito fino: Não consultes médico; consulta alguém que tenha
estado doente". Consultar alguém quc tenha estado doente! Não sei que possa ser. (Continua a ler em voz baixa).

CENA XII
D. CARLOTA, CAVALCANTE

CAV. (ao fundo). D. Leocádia! (Entra e fala de longe a CARLOTA que está de costas) Quando eu ia a sair,
lembrei-me...
D. CAR. Quem é? (Levanta-se) Ah! Doutor!
CAV. Desculpe-me, vinha falar à senhora sua mãe para lhe pedir um favor.
D. CAR. Vou chamá-la.

CAV. Não se incomode, falar-lhe-ei logo. Saberá por acaso se a senhora sua mãe conhece algum cardeal em Roma?
D. CAR. Não sei, não, senhor.
CAV. Queria pedir-lhe uma carta de apresentação; voltarei mais tarde. (corteja sai e pára) Ah! aproveito a ocasião para lhe perguntar ainda uma vez em que é que a ofendi?
D. CAR. O senhor nunca me ofendeu.
CAV. Certamente que não; mas ainda há pouco, falando-lhe de um tio meu, que morreu no Paraguai, tio João Pedro, capitão de engenharia...
D. CAR. (atalhando). Por que é que o senhor quer ser apresentado a um cardeal?
CAV. Bem respondido! Confesso que fui indiscreto com a minha pergunta. Já há de saber que eu tenho distrações repentinas, e quando não calo no ridiculo, como hoje de manhã, caio na indiscrição. São segredos mais graves que os seus. É feliz, é bonita, pode contar com o futuro, enquanto que eu... Mas eu não quero aborrecê-la. O meu caso há de andar em romances. (Indicando o livro que ela tem na mão) Talvez nesse.
D. CAR. Não é romance (Dá-lhe o livro)
CAV. Não? (Lê o título) Como? Está estudando a Grécia?
D. CAR. Estou.
CAV. Vai para lá?
D. CAR. Vou, com prima Adelaide.
CAV. Viagem de recreio, ou vai tratar-se?
D. CAR. Deixe-me ir chamar mamãe.
CAV. Perdoe-me ainda uma vez fui indiscreto, retiro-me. (Dá alguns passos para sair).
D. CAR. Doutor! (CAVALCANTE pára) Não se zangue comigo; sou um pouco tonta, o senhor é bom...
CAV. (descendo). Não diga que sou bom; os infelizes são apenas infelizes. A bondade é toda sua. Há poucos dias que nos conhecemos e já nos zangamos, por minha causa. Não proteste, a causa é a minha moléstia.
D. CAR. O senhor está doente?
CAV. Mortalmente.
D. CAR. Não diga isso!
CAV. Ou gravemente, se prefere.
D. CAR. Ainda é muito. E que moléstia é?
CAV. Quanto ao nome não há acordo: loucura, espírito romanesco e muitos outros. Alguns dizem que é amor. Olhe, está outra vez aborrecida comigo!
D. CAR. Oh! não, não, não. (Procurando rir) É o contrário; estou até muito alegre. Diz-me então que está doente, louco...

CAV. Louco de amor, é o que alguns dizem. Os autores divergem. Eu prefiro amor, por ser mais bonito, mas a moléstia,
qualquer que seja a causa, é cruel e terrível. Não pode compreender este imbroglio; peça a Deus que a conserve nessa boa e
feliz ignorância. Por que é que me está olhando assim? Quer talvez saber...
D. CAR. Não, não quero saber nada.
CAV. Não é crime ser curiosa.
D. CAR. Seja ou não loucura, não quero ouvir histórias como a sua.
CAV. Já sabe qual é?
D.CAR. Não.
CAV. Não tenho direito de interrogá-la; mas há já dez minutos que estamos neste gabinete, falando de cousas bem esquisitas
para duas pessoas que apenas se conhecem.
D. CAR. (estendendo-lhe a mão). Até logo.
CAV. A sua mão está fria. Não se vá ainda embora; hão de achá-la agitada. Sossegue um pouco, sente-se. (CARLOTA
senta-se) Eu retiro-me.
D. CAR. Passe bem.
CAV. Até logo.
D.CAR. Volta logo?
CAV. Não, não volto mais; queria enganá-la.
D. CAR. Enganar-me por quê?
CAV. Porque já fui enganado uma vez. Ouça-me; são duas palavras. Eu gostava muito de uma moça que tinha a sua beleza, e
ela casou com outro. Eis a minha moléstia.
D. CAR. (erguendo-se). Como assim?
CAV. É verdade, casou com outro.
D. CAR. (indignada). Que ação vil!
CAV. Não acha?
D. CAR. E ela gostava do senhor?
CAV. Aparentemente; mas, depois vi que eu não era mais que um passatempo.
D. CAR. (animando-se aos pousos). Um passatempo! Fazia-lhe juramentos, dizia-lhe que o senhor era a sua única ambição,
o seu verdadeiro Deus, parecia orgulhosa em contemplá-lo por horas infinitas, dizia-lhe tudo, tudo, umas cousas que pareciam
cair do céu e suspirava...
CAV. Sim, suspirava, mas...
D. CAR. (maito animada). Um dia abandonou-o, sem uma só palavra de saudade nem de consolação, fugiu e foi casar com
uma viúva espanhola!
CAV. (espantado). Uma viúva espanhola!
D. CAR. Ah! tem muita razão em estar doente!
CAV. Mas que viúva espanhola é essa de que me fala?

D. CAR. (caindo em si). Eu falei-lhe de uma viúva espanhola?
CAV. Falou.
D. CAR. Foi engano... Adeus, Sr. doutor.
CAV. Espere um instante. Creio que me compreendeu. Falou com tal paixão que os médicos não têm. Oh! como eu execro
os médicos! principalmente os que me mandam para a China.
D. CAR. O senhor vai para a China?
CAV. Vou; mas não diga nada! Foi sua mãe que me deu esta receita.
D. CAR. A China é muito longe!
CAV. Creio até que está fora do mundo.
D. CAR. Tão longe por quê?
CAV. Boa palavra essa. Sim, por que ir à China, se a gente pode sarar na Grécia? Dizem que a Grécia é muito eficaz para
estas feridas; há quem afirme que não há melhor para as que são feitas pelos capitães de engenharia. Quanto tempo vai lá
passar?
D. CAR. Não sei. Um ano, talvez.
CAV. Crê que eu possa sarar num ano?
D. CAR. É possível.
CAV. Talvez sejam precisos dous, — dous ou três.
D. CAR. Ou três.
CAV. Quatro, cinco...
D. CAR. Cinco, seis. . .
CAV. Depende menos do país que da doença.
D. CAR. Ou do doente.
CAV. Ou do doente. Já a passagem do mar pode ser que me faça bem. A minha moléstia casou com um primo. A sua
(perdoe esta outra indiscrição; é a última) a sua casou com a viúva espanhola. As espanholas, mormente viúvas, são
detestáveis. Mas, diga-me uma cousa: se uma pessoa já está curada, que é que vai fazer à Grécia?
D. CAR. Convalescer, naturalmente. O senhor, como ainda está doente, vai para a China.
CAV. Tem razão. Entretanto, começo a ter medo de morrer... Pensou alguma vez na morte?
D. CAR. Pensa-se nela, mas lá vem um dia em que a gente aceita a vida, seja como for.
CAV. Vejo que sabe muita cousa.
D. CAR. Não sei nada; sou uma tagarela, que o senhor obrigou a dar por paus e por pedras; mas, como é a última vez que
nos vemos, não importa. Agora, passe bem.
CAV. Adeus, D. Carlota!
D. CAR. Adeus, doutor!
CAV. Adeus. (Dá um passo para a porta do fundo) Talvez eu vá a Atenas;

não fuja se me vir vestido de frade...
D. CAR. (indo a ele). De frade? O senhor vai ser frade?
CAV. Frade. Sua mãe aprova-me, contanto que eu vá à China. Parece-lhe que devo obedecer a esta vocação, ainda depois
de perdida?
D. CAR. É difícil obedecer a uma vocação perdida.
CAV. Talvez nem a tivesse, e ninguém se deu ao trabalho de me dissuadir. Foi aqui, a seu lado, que comecei a mudar. A sua
voz sai de um coração que padeceu também, e sabe falar a quem padece. Olhe, julgue-me doudo, se quiser, mas eu vou
pedir-lhe um favor: conceda-me que a ame. (Carlota, perturbada, volta o rosto) Não lhe peço que me ame, mas que se
deixe amar; é um modo de ser grato. Se fosse uma santa, não podia impedir que lhe acendesse uma vela.
D. CAR. Não falemos mais nisto, e separemo-nos
CAV. A sua voz treme; olhe para mim...
D. CAR. Adeus; aí vem mamãe.

CENA XIII
OS MESMOS, D. LEOCÁDIA

D. LEO. Que é isto, doutor? Então o senhor quer só um ano de China? Vieram pedir-me que reduzisse a sua ausencia.
CAV. D. Carlota lhe dirá o que eu desejo.
D. CAR. O doutor veio saber se mamãe conhece algum cardeal em Roma.
CAV. A princípio era um cardeal; agora basta um vigário.
D. LEO. Um vigário? Para quê?
CAV. Não posso dizer.
D. LEO. (a CARLOTA). Deixa-nos sós, Carlota; o doutor quer fazer-me uma confidência.
CAV. Não, não, ao contrário... D. Carlota pode ficar. O que eu quero dizer é que um vigário basta para casar.
D. LEO. Casar a quem?
CAV. Não é já, falta-me ainda a noiva.
D. LEO. Mas quem é que me está falando?
CAV. Sou eu, D. Leocádia.
D LEO O senhor! o senhor! o senhor!
CAV. Eu mesmo. Pedi licença a alguém...
D. LEO. Para casar?

CENA XIV
OS MESMOS, MAGALHÃES, D. ADELAIDE

MAG. Consentiu, titia?
D. LEO. Em reduzir a China a um ano? Mas ele agora quer a vida inteira.
MAG. Estás doudo?
D. LEO. Sim, a vida inteira, mas é para casar. (D. CARLOTA fa1a baixo a D. Adelaide) Você entende, Magalhães?
CAV. Eu, que devia entender, não entendo.
D. ADE. (que ouviu D. CARLOTA). Entendo eu. O Dr. Cavalcante contou as suas tristezas a Carlota, e Carlota, meia
curada do seu próprio mal, expôs sem querer o que tinha sentido. Entenderam-se e casam-se.
D. LEO. (a CARLOTA). Deveras? (D. CARLOTA baixa os olhos) Bem; como é para saúde dos dous, concedo; são mais
duas curas!
MAG. Perdão; estas fizeram-se pela receita de um provérbio grego que está aqui neste livro. (Abre o livro) "Não consultes
médico; consulta alguém que tenha estado doente".

CAI O PANO.

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "O Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande

influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se

encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Pincipia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo

(Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode

com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******